

A VIDA NA ERA DE SUA VISIBILIDADE TÉCNICA: ELOGIO DE AGNES DENES

Nelson Shuchmacher Endebo

Erick Felinto gewidmet

“Vögel flattern am Abend unsichtbar
in den Büschen, ohne wegzufiegen“
Peter Handke (1977, p. 56)

Em uma das mais belas passagens da literatura do século XX, James Joyce inscreve um problema crucial para a hodierna auto-compreensão humana. O coadjuvante de *Ulysses*, Stephen Dedalus, caminha nas areias de Sandymount e, observando seus arredores – sua circunstância - pensa:

Ineluctable modality of the visible: at least that if no more, thought through my eyes. Signatures of all things I am here to read, seaspawn and seawrack, the nearing tide, that rusty boot. Snotgreen, bluesilver, rust: coloured signs. Limits of the diaphane. But he adds: in bodies. Then he was aware of them bodies before of them coloured. How? By knocking his sponce against them, sure. (JOYCE, 1992, p. 45)

Como todos nós, o tomista Dedalus é um semioticista amador; o mundo, ele nota, surge-lhe como um sistema de signos codificados nas coisas, inscritos na matéria – “signatures of all things”, *signatura rerum* -, que lemos com os olhos. Lemos: pensamos: “thought through my eyes”. Entre os olhos e a matéria, os signos de criação – *seaspawn* – e destruição – *seawrack*, e os dêiticos, *a maré que enche, aquela* bota desbotada.

Nota as cores, mas antes percebe-as em corpos. Uma pergunta de teoria do conhecimento: *como*, antes das cores, os corpos? Dedalus responde à questão de maneira abrupta, bem diferente das elucubrações e digressões que perfizeram seu sistema estético no *Retrato do Artista quando Jovem*: ora essa, sabemos disso porque esbarramos a cachola neles [nos corpos]. Assim traduzo *sconce*, Joyce, que ninguém jamais poderá acusar de não entreter polissemias, sabia do étimo no latim *absconsa*, que por sua vez deriva do verbo *abscondere*, “esconder”. A auto-garantia da mente¹ não está em sua própria visibilidade.

Inelutável modalidade do visível, inventa Dedalus. Inelutável em pelo menos dois aspectos: o primeiro, e talvez o mais evidente, é que não podemos recusar os dados imediatos da visão. Para lá dos signos socialmente compartilhados, a que podemos em certa medida renunciar – podemos, isto é, habitar outros regimes de signos, “descolonizando o pensamento” – sabemos que algo nos confronta. O mundo, antes de tornar-se “o mundo” é, desde já, inapelável. O segundo sentido é histórico, diz respeito à fixação do pensamento ocidental pelo sentido da visão, alegada porta privilegiada para o conhecimento sobre as coisas. Não à toa o mundo e a natureza puderam ser metaforizados como livro. Dedalus não discordaria de nada disso. Mas coloca o tato, esse esbarrar em corpos, como garantia da visão. E mais:

Stephen closed his eyes to hear his boots crush crackling wrack and shells. You are walking through it howsomever. I am, a stride at a time. A very short space of time through very short times of space. Five, six: the *nacheinander*. Exactly: and that is the ineluctable modality of the audible. Open your eyes. No. Jesus! If I fell over a cliff that beetles o'er his base, fell through the *nebeneinander* ineluctably. I am getting on nicely in the dark. (idem)

¹ *sconce* pode também ser entendido como *wit*, “mente espirituosa” - pensemos em Millôr Fernandes, um homem cheio de *wit*.

Cerram-se os olhos, mas a visão não cessa: o que se vê é escuridão. Escuridão-signo, não a treva absoluta, o temor máximo do jesuíta Dedalus. E o mundo lá fora, que Stephen apreende pelo sentido da audição, os pés esmagando conchas, que estalam a cada pisada. Com os olhos fechados, conta os passos dados: um, dois, três. Eis a modalidade inelutável do audível: sons sucessivos, *nacheinander*, como os fatos da vida. Stephen se sente seguro assim, no escuro, ciente de que não está, afinal, no *nada* (nonada?). Mas porque hesita em abrir os olhos? Pois se despencar subitamente de um desfiladeiro, cairá do *nebeneinander*, do simultâneo. A morte reclama todos os sentidos. A modalidade do desfecho não é nem visão, nem audição, nem tato. É o simultâneo.

Mas Stephen finalmente abre os olhos: “See now. There all the time without you: and ever shall be, world without end” (ibid, p. 46). O mundo: entidade pré- e pós-semiótica, prescinde de significação, independe de nós. O que quer que façamos, o mundo estará “aí”, para que alguém faça dele *um* mundo, ou quantos lá puderem surgir². O nome do capítulo do qual recupero as três passagens é *Proteu*. Ele, o deus mutante do meio aquoso, o deus dos devires. Os sentidos nos dão ensejo para apreender mudanças e, assim, narrar a história. “I am, a stride at a time”. Por sua vez, a mente nos dá o selo de garantia de si própria a despeito de sua invisibilidade. Assim faz a alma, eternamente idêntica a si. Que o homem *possa saber disso* é uma questão ulterior da mais especular relevância. Mas não é exatamente essa a nossa questão.

Abordo o trato de Joyce para suscitar uma problemática que hoje poderíamos chamar de mídia-teorética. Antropologicamente, o problema da visibilidade é estruturalmente bifronte. Ao examinar os sentidos, Dedalus se concentra sobretudo naquilo que ele pode saber. Não concede tanto pensamento àquilo *que se pode saber sobre ele*. Essa reflexão, poder-se-ia argumentar, aparece como preocupação mais imediatamente evidente para o protagonista do livro, Leopold Bloom. Em Bloom, a

² O debate contemporâneo sobre o Antropoceno parece sugerir uma mudança de paradigma nesse sentido. Se o ignoramos aqui, não é por tomada consciente de posição.

modalidade do visível é modalidade do ser-visível: judeu em católica Irlanda, traído pela mulher, consumido por desejos censuráveis e repleto do luto da perda de um filho, ele bem sabe que a vida é pressionada pelo olhar que o outro lança sobre ele. Essa é uma sobredeterminação ontológica: o olhar do múltiplo outro, seja ele “justo” ou não, dá a dimensão em que a vida deverá ser vivida. Do ponto de vista da psicologia social, tornar-se invisível, aí, é, mais do que uma mera auto-retirada do comércio com o mundo, uma negociação com si próprio, porque aquilo que o olhar do outro nos diz cede os contornos daquilo que nós sabemos sobre nós mesmos. O monasticismo faz amplo sentido quando Deus, *pelo menos* Ele, nos vê em nossa retirada do mundo.

Vivemos ainda outro problema. Com a presença cada vez mais marcante dos dispositivos de governamentabilidade, entendidos como tecnologias de domesticação e naturalização, a sobredeterminação ontológica do ser-visível não está mais destinada exclusivamente à depuração por filosofias do reconhecimento. Já não está mais claro quem é que pode nos ver ou ouvir. Já não está mais claro quem pode sentir nossa presença – pensemos em sensores de movimento, sensores térmicos. Para sermos mais exatos, no limite somos sequer capazes de precisar se aquele que nos observa é um *quem* em qualquer sentido familiar. De certo modo, parece haver uma inversão epistemológica que poder-se-ia exprimir com uma analogia algo antipática: sabemos algo sobre a pedra, mas a pedra não sabe algo sobre nós³. Do ponto de vista mídiateorético, o nosso lugar no mundo parece ser crescentemente definível como ser-pedra: podemos conhecer pouco sobre aqueles que muito podem conhecer sobre nós. Essa sobredeterminação ontológica pode ser discutida a partir de uma sinuosíssima história da tecnologia, a qual, por sua vez, se confunde com a própria história dos empenhos humanos. *Ars longa, vita brevis*, todavia, e precisamos escolher um modelo

³ Estou, é claro, pensando “como antigamente”. Discussões contemporâneas sobre racionalidades não-humanas, epistemologias das coisas, etc., a meu ver, precisam ser consideradas à parte, em outro contexto, e por gente mais filosoficamente competente do que eu.

para nossa discussão, estreito o suficiente para conseguirmos avançar, um pouco que seja. Aqui trataremos o GPS⁴ como paradigma dessa alteração da situação vital.

Um dos principais méritos dos estudos de mídia contemporâneos, sobretudo em sua “linhagem alemã”, foi ter deflacionado os efeitos sociais dos conteúdos veiculados pelas mídias tradicionais a fim de priorizar a maneira pela qual os *media*, uma categoria ôntica agora vastamente ampliada e revisada, produzem condições de possibilidade para distinções ontológicas. Em que pesem as acusações de determinismo, certamente justificáveis em muitos casos, até mesmo em relação aos mais brilhantes proponentes do campo, me parece evidente que o trabalho de estudiosos como Bernhard Siegert incrementou o arsenal teórico com discussões de intenso interesse para nossa confusa época. Recentemente pude tratar do trabalho de Siegert sobre a malha [*grid*, *Raster*] em mais detalhes, situando-a na linhagem pré-histórica técnica e ideativa do GPS⁵. Não pretendo retomar sendeiro já trilhado. Bastará indicar aqui duas questões matriciais que serão, em larga medida, resolvidas *tecnicamente* com o advento do GPS.

A primeira diz respeito à técnica de *τάξις* (*taxis*), que Xenofonte discute em sua obra *Oeconomicus*. A *taxis* se refere aos modos pelos quais o *sapiens* - para localizá-la em uma faixa temporal mais larga que a prudência historicista nos recomendaria - organiza aquilo que ele conhece. Trata-se, materialmente, de uma série de técnicas para a localização fácil e segura de objetos: um estojo de cor vermelha para guardar canetas vermelhas; um azul para canetas azuis, e assim por diante. Tais objetos, imóveis, podem ser rapidamente recuperados mediante técnicas simples de *taxis*. No caso de Xenofonte, a preocupação maior era com a ordem interna da *polis*. Um

⁴ Tomamos o GPS como *shorthand* para sistemas de localização por satélite. O GPS, embora o mais conhecido deles, não é o único em operação.

⁵ O trabalho, intitulado *Redes, Malhas e Espaços Vazios: Por uma Pré-História do GPS*, será apresentado na oitava edição do CONECO, Congresso dos Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação, em outubro de 2015, no Rio de Janeiro, e estará disponível nos anais do evento.

problema antiquíssimo: dentre todos os muitos objetos que compõem uma cidade, o menos localizável é o homem, esse ente errante. Ora, às vezes saímos para encontrar alguém que, tentando encontrar-nos, distancia-se de nós, frustrando a tentativa. A mobilidade humana é um aspecto fundamental de sua visibilidade. Para a localização de dados móveis – nós, no caso – faz-se necessária uma técnica que potencialize a *taxis*, possibilitando a distinção efetiva entre informação e endereço. É preciso inscrever em cada espaço a informação: está ou não está ali? A carência de uma técnica que tornasse possível a operacionalização dessa distinção ajuda-nos a entender, em parte, a proeminência da antiga idéia do lugar público, um local em que a probabilidade do encontro era relativamente alta.

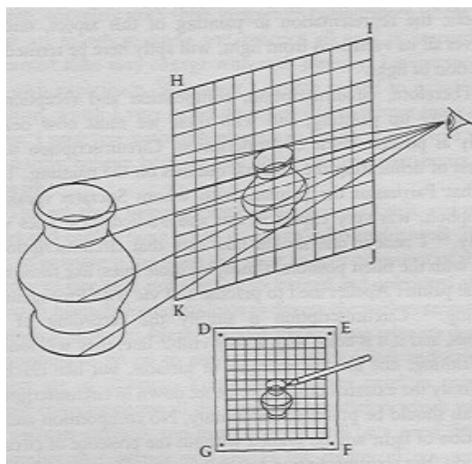


Figura 1: O *Velum*

A segunda questão matricial concerne a mídia óptica do *velum* (véu) popularizada na Renascença por Leon Battista Alberti. Grosso modo, ela consistia em uma malha de fios verticais paralelos entrecruzados por fios horizontais, de modo a dispor de quadriláteros equânimes. Posicionando-se atrás do *velum* estendido, o artista podia transferir o que via em cada quadrado, independentemente do ângulo, para uma mídia – papel, digamos – igualmente marcada por uma malha. Essa técnica revolucionará a perspectiva na pintura ocidental: a possibilidade estética da representação *verossímil* em profundidade encontrará um correlato medial na idéia de

que um objeto é aquilo que *tem lugar atrás da malha*. Daí o desdém de Alberti pelas auréolas da iconografia medieval. O modelo do *velum* encontra aí sua função como técnica de *taxis*: ao entender objeto como aquilo que aparece na malha, o *velum* permite que o artista *designe* um lugar para o objeto, que não será ocupado por outro.

O desenvolvimento da perspectiva é, nesse sentido, não apenas conquista figurativa do espaço, como também efetiva. Ao longo dos séculos XVI e XVII, com o advento da geometria cartesiana, o sistema de coordenadas substituirá a malha como técnica de representação, com aplicações cada vez mais extensivas: servirá para a produção de cartas de navegação, e será uma técnica largamente aplicada no mapeamento dos territórios conquistados no novo mundo. Siegert mostra como, na construção de cidades como Lima, no Peru, os quadrantes urbanos eram utilizados para *reservar* terras para populações que sequer ali viviam, mas que um dia, assim *calculava* a administração colonial, viveriam. Ou seja: do ponto de vista medial, os colonizadores espanhóis implementaram uma técnica de *taxis* capaz de *inscrever*, em um endereço, *uma ausência*. Um quadrante vazio cujo *vazio é visível*: essa é uma distinção técnica crucial. Não é difícil imaginar, claro, como essa ausência inscrita era protegida por códigos e títulos legais, sob a égide de uma administração empenhada em garantir que somente o *verdadeiro dono* pudesse reivindicar o quadrante com a informação anunciando a sua presença.

O que isso tem a ver com o GPS? O Global Positioning System tem como infraestrutura básica uma rede de satélites artificiais em órbita ao redor do planeta; são necessários ao menos 24 deles para o funcionamento apropriado do sistema, e sabe-se hoje que ele mobiliza mais do que esse quórum. A razão para esse mínimo é que a localização de um alvo terrestre – seja ele militar, comercial ou civil – depende da remissão de um sinal por pelo menos quatro satélites por rotina de trabalho. Juntos, esses satélites formam uma rede esférica que garante que, em um dado momento, haja pelo menos quatro satélites posicionados para remissão. Uma grande malha invisível

opera sobre o globo. Ela implementa um sistema de coordenadas altamente especializado, pelo qual cada ponto da superfície terrestre é convertido em endereço, sobre o qual se pode inscrever apenas uma informação específica por vez. Isso se dá não pelo reconhecimento visual, sobre o qual Stephen Dedalus elucubrava em sua caminhada pela praia, mas pela assinatura digital, muito mais eficaz: a identidade da coisa buscada, *sua alma imutável*, convertida em um valor que somente o aparato é capaz de assimilar. Os sinais de envelhecimento, por exemplo, que não raro impedem-nos de reconhecer a face do outro, sequer são considerados por tal “olho” celeste. Nossos sentidos não estão equipados para a natureza de tais dados. Essa diáfana vertente residual, que *sobra* e secretamente coordena nossa experiência de mundo, já se deixava vislumbrar na reflexão de Dedalus. O mundo está aí, mais real do que nossos mundos, mais largo do que nós mesmos, mais misterioso e profundo do que imaginamos. Mas como é que estamos no mundo? Algo desse resíduo opera no plano da imanência, no reconhecimento exclusivo de nossas criações. Somos visíveis para órgãos de visibilidade que não podemos ver. E sabemos disso. Pensar as implicações e consequências políticas e teóricas dessa nova modalidade de sujeição é uma das tarefas imperativas e imperiosas de nossa época. Nisso a arte pode prestar algum serviço.

Um ano após o lançamento do primeiro protótipo de satélite do sistema GPS, em 1978, a artista plástica e filósofa das formas – a morfóloga – Agnes Denes publicou em livro uma série de desenhos, “distorções”, como lhes chamara, batizada de *Map Projections*. Os trabalhos, realizados entre 1973 e 1979, levam o título *Isometric Systems in Isotropic Space*⁶, que já entrega o objetivo do projeto: projetar as coordenadas da Terra sobre formas distorcidas sem, contudo, corromper as distâncias. Além da mencionada coincidência cronológica com o lançamento de 1978, esse evento epocal de tão severa pregnância, um breve recurso à biografia de Denes, cujos detalhes

⁶ O livro pode ser consultado online em <http://www.artistsbooksonline.org/works/mpjs.xml>

desconheço, talvez nos sirva a contento. Nascida em 1931, filha de judeus húngaros refugiados, primeiro na Suécia, depois nos EUA, Denes compreendeu na carne a dialética da visibilidade: o que foi a Solução Final, senão uma conclusiva campanha de controle da visibilidade de um grupo? A morte reclama o simultâneo, vimos; para Denes e sua família, a invisibilidade era opção radical, quiçá inviável. Restou-lhes a fuga para outros campos, mais distantes. Denes chegou a atribuir a esse drástico nomadismo a descoberta da vocação artística: as errâncias, com suas sucessivas demandas sobre competências linguísticas e éticas, instalaram-na em um grande silêncio. Encontrou sua eloquência nas formas.

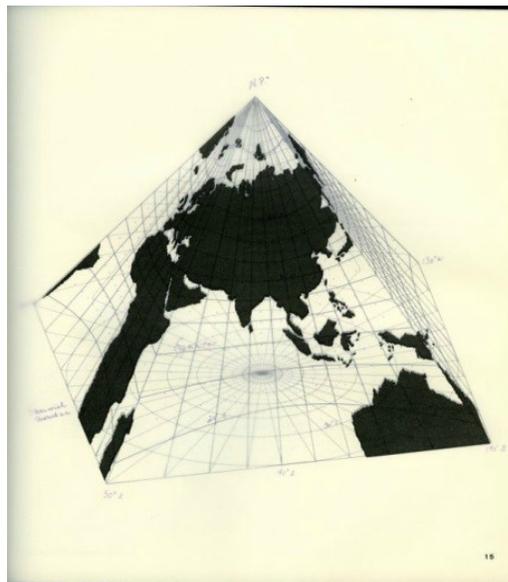


Figura 2: Pyramid, 1st Projection

Tomadas em conjunto, as projeções cartográficas de Denes fornecem uma poderosa reflexão sobre a condição da vida na era da visibilidade técnica. A isometria dessas obras de arte incomparáveis sugere como o *sapiens* encontra sua unidade real na visibilidade universal, pois técnica, de seus mundos singulares. O poder demiúrgico do homem, que dá a seu mundo uma determinada forma, e lhe permite, pela invenção, habitá-lo, encontra seu limite na técnica de *taxis* capaz de transferir, sem perda de informação, os endereços do globo para outras formas geométricas: outras formas-

mundo. Não falo de metáforas: as diversas concepções singulares de mundo, antes de serem absorvidas *ideativamente* pelas hierarquias dos sistemas de pensamento, são integradas *efetivamente* por meios técnicos, entidades bastante diversas dos conceitos. Cada forma-mundo, sugere Denes, é conversível nas demais. Se pudermos definir visão de mundo como a projeção de uma forma sobre a realidade, o paradigma que prorrompe em nosso tempo parece ser a projeção da realidade sobre uma forma, seja esta céu ou inferno.

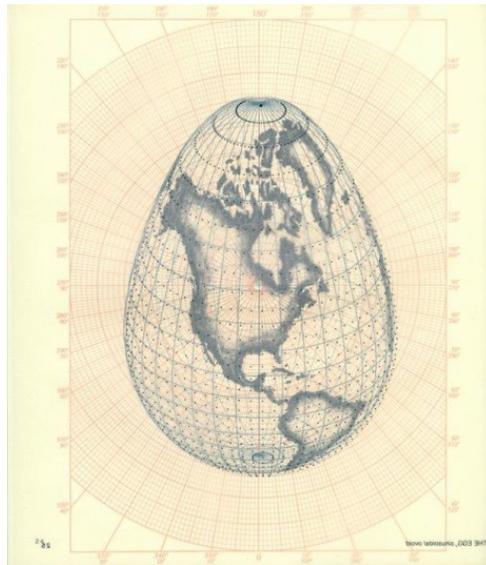


Figura 3: The Egg, sinusoidal ovoid

Não é difícil imaginar essas figuras circundadas por satélites em órbita. Podemos ler as distorções dimensionais como filtros ideológicos: em *The Egg* (figura 3), a América do Norte parece maior e mais vasta do que a do Sul; em *The Pyramid* (figura 2), a Rússia aparece “menor”, afunilada no topo da pirâmide, da qual o Sul é base. As ideologias, ou seja, as visões de mundo, assim mostram seus vínculos com suas bases formais. Há também as utopias: em *The Doughnut*, os pólos Norte e Sul se confundem no centro da figura, o único ponto invisível do mundo. Como se vê, as visões de mundo também encontram sua eloquência nas formas.

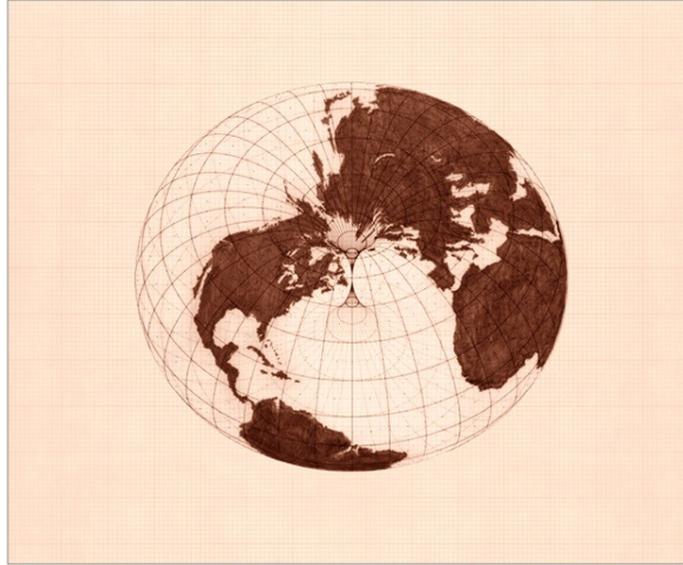


Figura 4: The Doughnut

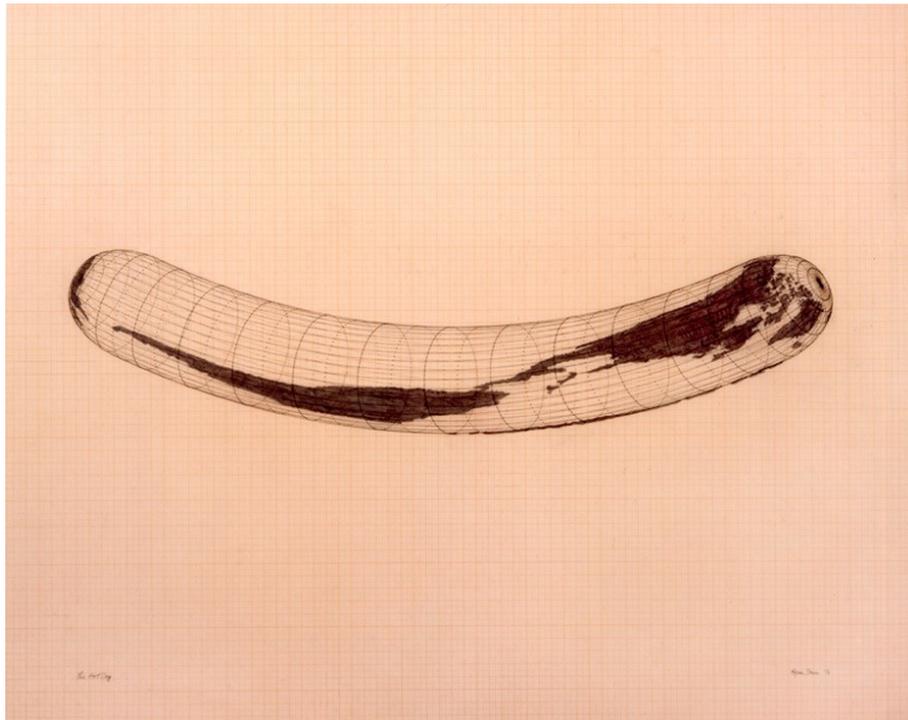


Figura 5: The Hot Dog

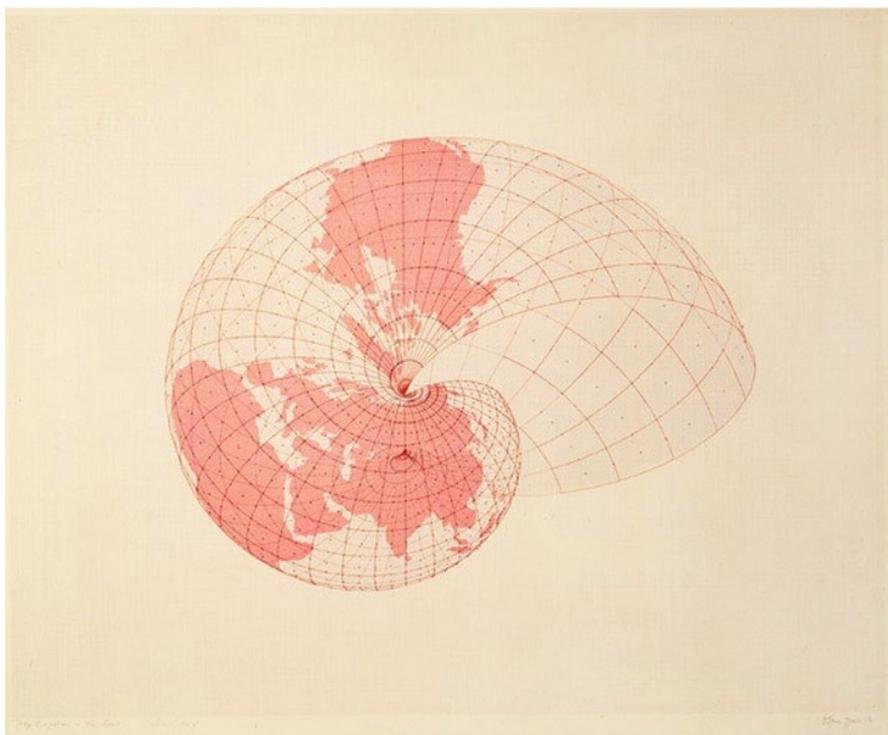


Figura 6: The Snail

Stephen Dedalus, caminhando na fria praia dublinense, pensa a diferença crucial entre *nacheinander*, o sucedâneo, e *nebeneinander*, o simultâneo, palavras que Joyce provavelmente aprendera em Zurique, no início do século, e para onde emigrou em busca de invisibilidade, com a eclosão da Segunda Guerra. Na vida humana, o simultâneo submete o sucedâneo: a vida se desdobra, passo a passo, até que a morte reclame, triunfante, a sucessão, levando tudo o que se tem a um só tempo. No GPS, o cálculo de distâncias é realizado com a consideração, de uma só vez, do ponto de partida e do ponto de chegada, exatamente como faz Deus na *Consolação da Filosofia*, de Boécio: o simultâneo também submete o sucedâneo.

Nesse ponto técnica e espírito revelam sua afinidade formal.

Referências bibliográficas:

- DENES, Agnes. *Isometric Systems in Isotropic Space: Map Projections from the Study of Distortions Series, 1973-1979*. Rochester, N.Y: Visual Studies Workshop Press, 1979.
- HANDKE, Peter. *Das Gewicht der Welt*. Salzburgo: Residenz Verlag, 1977.
- JOYCE, James. *Ulysses*. Londres: Penguin, 1992 [1922].
- SIEGERT, Bernhard. Trad. Geoffrey Winthrop-Young. *Cultural Techniques: Grids, Filters, Doors, and Other Articulations of the Real*. Nova York: Fordham University Press, 2015

Nelson Shuchmacher Endebo (1985) é formado em literaturas inglesa e alemã pela Portland State University, EUA, e foi pesquisador bolsista do DAAD na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Alemanha. Atualmente é bolsista da Capes no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: nendebo@gmail.com.